



Nota de Imprensa*

Síntese de Conjuntura do Sector da Construção Civil e Obras Públicas

*Serviços de Economia

Outubro/2004

Ideias-chave:

- i) 2004 não irá permitir recuperar da recessão dos anos 2002 e 2003,**
- ii) não obstante, há sinais claros de uma melhoria das expectativas dos empresários, se bem que nem sempre confirmadas pela evolução real da actividade,**
- iii) em 2004, Portugal terá a segunda menor taxa de crescimento do investimento em construção da zona-euro, estimando-se que mantenha essa posição em 2005.**

Quando somente faltam dois meses para terminar o ano 2004, verifica-se que este ano não teve lugar a inversão da tendência recessiva que tem marcado o sector da construção em Portugal. Analisando os indicadores qualitativos, associados ao sentimento de clima económico dos empresários deste sector, podem retirar-se algumas conclusões gerais.

Em primeiro lugar, fica evidente que, desde Janeiro, tem havido uma recuperação da confiança, espelhada num ganho de 8,5 pontos percentuais (p.p.) ao nível do Indicador Global de Conjuntura¹.

Em segundo lugar, constata-se ter ocorrido uma alteração significativa da relação entre as expectativas futuras dos empresários e a sua percepção sobre a actividade passada. De facto, ao longo de 2003 o Indicador de Expectativas Futuras somente aumentou 3,2 p.p., enquanto o Indicador de Actividade recuperou 6,9 p.p.. Tal significa que o nível de actividade teve um comportamento menos desfavorável do que o que era antecipado, havendo,

¹ Indicadores expressos em saldos de respostas extremas (s.r.e).



portanto, algum excesso de pessimismo relativo. Em contrapartida, ao longo de 2004 o Indicador de Expectativas Futuras recuperou 9,8 p.p., superando a variação de 7,2 p.p. do Indicador de Actividade, indicando estar-se numa situação de excesso de optimismo relativo, em que a melhoria das expectativas dos empresários não foi correspondida pela realidade.

Há, porém, sinais que devem ser tidos em conta e que suscitam alguma confiança num cenário de melhor desempenho. Mesmo que tardiamente, estão em cima da mesa as propostas de reforma da lei do arrendamento (ficando-se somente por saber qual o alcance de algumas ferramentas essenciais como os incentivos à reabilitação urbana); a carteira de encomendas de obras públicas, não obstante uma ligeira retracção em Outubro, passou de 6,9 meses em Janeiro para 8,4 meses; a taxa de utilização da capacidade instalada aumentou em 1,9 p.p., sendo agora de 73,9% e, muito importante, há uma evidente descompressão sobre os preços, nomeadamente ao nível das grandes empresas, cujo indicador, pela primeira vez nesta crise, atingiu um valor positivo, de 2,1% (em s.r.e²).

Porém, como se disse, não será em 2004 que essa inversão ocorrerá. Segundo o Eurostat, os dados mais recentes relativos à produção do sector, reportados ao 2º trimestre, indicam que Portugal foi até essa altura o país da zona-euro com pior desempenho. Enquanto na zona-euro a produção teve um crescimento médio de 1,6%, em Portugal a taxa de variação média foi de -4,8%. Mesmo no caso das obras de engenharia civil, constata-se que, com a excepção da Alemanha, é também em Portugal que é pior o comportamento. Não obstante o claro aumento de novas encomendas, este segmento apresenta uma taxa de variação média de -4,4%, contra 0,0% da zona-euro. O efeito do lançamento de novas obras públicas far-se-á sentir a partir do final do ano, com potenciais benefícios para o desempenho do ano 2005.

Assim, o desfaseamento entre o concurso e a consignação das obras públicas, o seu carácter plurianual e o persistente declínio das obras particulares (por exemplo, ao nível do mercado

² s.r.e. – saldo de respostas extremas.



habitacional, a AICCOPN estima que em 2004 a produção deverá decair cerca de 7%) fazem com que se tenha por demasiado optimista a estimativa da Comissão Europeia para a variação do investimento em 2004 (+0,3%). No entanto, mais do que olhar para esse valor, é preocupante constatar que a posição relativa de Portugal se mantém.

Em 2004 e em 2005, exceptuando a Alemanha, Portugal será o país da zona-euro com menor crescimento do investimento em construção, posição que, a ser assim, ocupará pelo quarto ano consecutivo. Esta é uma posição bem distinta daquela que, por exemplo, caracteriza a Irlanda, a qual desde o começo da década de 90 tem tido taxas de crescimento do investimento em construção acima do observado na zona-euro e em Portugal, augurando em 2004 um novo crescimento de 10,5%, só compaginável com o crescimento em alguns países do alargamento europeu.

Previsões Económicas - Taxas de Variação	Euro-Zone		Portugal	
	2004	2005	2004	2005
PIB	2.1	2.0	1.3	2.2
PIB per capita	1.7	1.8	0.7	1.5
Consumo Público	1.5	1.1	0.6	0.5
Consumo Privado	1.5	1.7	2.1	1.8
Investimento Total	2.2	3.2	2.4	3.3
Taxa de Desemprego	8.9	8.9	6.3	6.2
Inflação	2.1	1.9	2.4	2.4
Balanço Governamental (% PIB)	-2.9	-2.5	-3.7	-3.8
Dívida Pública (% PIB)	71.1	71.1	62.0	62.9
Volume de investimento no sector da Construção	1.8	1.5 ¹	0.3	1.9
Volume de Exportações	7.6	6.4	7.9	7.4
Volume de Importações	7.1	6.7	8.2	5.8

Fonte: Comissão Europeia - Previsões de Outono.

Nota: 1 - Este valor é explicado pelo decréscimo do investimento alemão que será de 1,9.



SEDE:
 Rua Álvares Cabral, 306
 4050-040 PORTO
 Telefone: 22 340 22 00
 Fax: 22 340 22 97
 www.aiccopn.pt
 E-mail: geral@aiccopn.pt



AICCOPN

Associação dos Industriais da Construção
 Civil e Obras Públicas

Indicador	Ago-04	Set-04	Out-04
Indicador de Global de Conjuntura (1)	-21,6%	-19,8%	-19,6%
Indicador de Conjuntura – Ed. Habitacionais (1)	-22,0%	-20,7%	-20,3%
Indicador de Conjuntura – Outros Edifícios (1)	-19,5%	-18,6%	-17,8%
Indicador de Conjuntura – Eng. Civil (1)	-22,0%	-19,3%	-19,6%
Indicador de Conjuntura – Pequenas Empresas (1)	-17,1%	-15,6%	-14,4%
Indicador de Conjuntura – Médias Empresas (1)	-23,2%	-22,6%	-22,4%
Indicador de Conjuntura – Grandes Empresas (1)	-22,6%	-19,0%	-19,7%
Indicador de Conjuntura – Actividade (1) (2)	-26,8%	-25,1%	-25,8%
Indicador de Conjuntura – Expectativas (1) (3)	-16,3%	-14,4%	-13,4%
Taxa de Utilização da Capacidade Produtiva	72,8%	884,9%	70,7%
Nível de Concorrência (1)	29,9%	-23,6%	25,8%

Fonte: AICCOPN. Notas: (1) Saldo de respostas extremas, média móvel de 3 meses. (2) Refere-se à actividade passada das empresas. (3) Refere-se às expectativas sobre os próximos 3 meses.

